



## CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PSICOGENÉTICA DE HENRI WALLON À EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela Rodrigues Faria<sup>1</sup> - UFSC

Grupo de Trabalho – Educação da Infância  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa realizada durante Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pedagogia no ano de 2015. Tem como objetivo apresentar uma pesquisa bibliográfica sobre o pensamento teórico de Henri Wallon, analisando as possíveis contribuições do mesmo para a prática pedagógica na Educação Infantil. A pesquisa é qualitativa do tipo bibliográfica e teve como fonte de referência principalmente as obras do autor. Foi utilizado também fontes bibliográficas composta de livros, artigos e dissertações, e outros pesquisadores brasileiros cujos trabalhos têm o autor como referência como Heloysa Dantas e Izabel Galvão. O que me levou a realizar estudos sobre a teoria psicogenética de Wallon foi à falta sentida durante a graduação em Pedagogia, uma vez que foram priorizavam outros teóricos da linha de aprendizagem e desenvolvimento, como Vygotsky e Piaget. Apesar de ser uma teoria pouco divulgada nos meios educacionais, Wallon trouxe importantes contribuições sobre o desenvolvimento infantil, destacando os comportamentos e pensamentos singulares que o caracterizam. Sua compreensão é da criança como uma “pessoa completa”, constituída partir de três campos funcionais: a dimensão afetiva, a cognitiva e a motora. Wallon dedicou-se também aos estudos relacionados a educação, destacando o importante papel do professor nesse processo de desenvolvimento. Neste trabalho priorizamos abordar o desenvolvimento da criança entre 3 – 5 anos, e sua teorização sobre o desenvolvimento do pensamento da mesma. Procuramos também apresentar algumas contribuições do autor à docência na Educação Infantil, como as relações entre afetividade e a cognição, as referências as crises desta etapa da educação infantil e a afinidade entre a Pedagogia e a Psicologia.

**Palavras-chave:** Henri Wallon. Prática pedagógica na Educação Infantil. Desenvolvimento da criança.

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Rede particular de São José – SC. E-mail: danirodrigues.ufsc@gmail.com.

## Introdução

Os estudos sobre a Educação Infantil e, em particular, aqueles que procuram abordar as especificidades do trabalho pedagógico nesta etapa educativa, cresceram de modo significativo nas últimas décadas. Tive a possibilidade de conhecer o trabalho de H. Wallon por meio de textos durante a graduação, cuja obra apesar de grande importância no campo da Psicologia, é pouco difundido no Brasil. É objetivo deste trabalho apresentar um estudo, de caráter aproximativo, ao pensamento de Wallon examinando suas possíveis contribuições a prática pedagógica na Educação Infantil.

Henri Wallon nasceu na França em 1879 e lá viveu toda a sua vida até sua morte em 1962. Atuou como médico, professor e psicólogo e dedicou a vida a compreender sobre o psiquismo humano, voltando sua atenção à criança. Sua teoria é centrada na psicogênese da pessoa completa e acreditava que conhecendo o desenvolvimento das crianças era possível ter acesso à gênese dos processos (DANTAS, 1990)

Wallon presidiu também o comitê responsável pela reformulação do sistema de ensino da França. Expressou suas ideias pedagógicas nesse projeto, chamado Projeto Langevin-Wallon, um plano de reforma que nunca chegou a ser implantado, que priorizava a adequação da educação às necessidades da sociedade da época e as características do indivíduo, favorecendo ao máximo o desenvolvimento das aptidões individuais e a formação do cidadão.

Durante minha formação foi-se cristalizando a necessidade de enfrentar o desafio de ler Wallon, necessidade esta permeada por inúmeros questionamentos, em especial sobre as relações entre o desenvolvimento da criança e a prática pedagógica: como ocorre o desenvolvimento do pensamento da criança? Qual a razão de alguns de seus comportamentos particulares? Qual o papel do professor no desenvolvimento da criança? Como potencializar esse desenvolvimento?

A leitura de Wallon foi difícil no início e a apreensão de seus conceitos um desafio: sua obra está fragmentada em vários textos e livros, dificultando o entendimento completo da mesma. Como afirma Heloysa Dantas (1992, p. 4):

Para aqueles que superam as resistências iniciais, a obra de Wallon adquire um apelo especial: a possibilidade de integrar a ciência psicológica a uma concepção epistemológica dialética e derivar dela uma pedagogia politicamente comprometida.

A pesquisa, do tipo bibliográfica, é subsidiado basicamente por aquilo que Wallon formulou em seus escritos, além das contribuições de autores como Heloysa Dantas, Izabel Galvão.

Este artigo está dividido em três tópicos: no primeiro, apresentamos uma síntese da teoria de Wallon abordando seus principais conceitos. No segundo, o foco é o desenvolvimento do pensamento da criança, privilegiando a abordagem do conceito de sincretismo, principal – mas não a única – característica do pensamento das crianças em idade pré-escolar, de três a seis anos. O último tópico ficou destinado às reflexões sobre a prática pedagógica na Educação Infantil, tendo como foco examinar as contribuições do autor à mesma.

### **Henri Wallon e a teoria da psicogenética do desenvolvimento infantil.**

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar os principais aspectos da teoria walloniana no que tange ao desenvolvimento da criança. Wallon teceu sua teoria observando principalmente as crianças; seu intuito era compreender como seu psiquismo se desenvolvia. Não lhe interessava estudar um aspecto do desenvolvimento em particular, mas os processos que resultavam na “pessoa completa”.

Tomou como referência metodológica para seus estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento as bases fornecidas pelo materialismo histórico-dialético. Essa opção epistemológica implicou na compreensão do desenvolvimento humano também como um processo dialético, marcado por descontinuidades, rupturas e crises, que longe de ser um problema ou patologia, constituem os próprios fatores dínamogênicos do mesmo. Para o estudioso, “os conflitos podem ser reconhecidos, não como a negação, mas ao contrário como o fundamento dos processos que tendem ao mais completo desenvolvimento da pessoa ou do conhecimento” (WALLON, 2008, p. 09).

De acordo com Dantas (1990, p. 32) longe de evitar as contradições que encontra no seu “objeto de estudo” – a criança:

Wallon parece se comprazer em buscá-las e aprofundá-las. Toda sua teoria está plena de causas que geram efeitos opostos, de caracterizações em que convivem qualidades antagônicas, alternando-se, substituindo-se labilmente. Sua análise se detém preferencialmente nos momentos de crise e contradição que marcam o processo de desenvolvimento.

É ainda apoiado nas contribuições teóricas e metodológicas fornecidas pelo materialismo histórico-dialético que o autor afirma ser o homem, desde que nasce, orientado por uma necessidade íntima, essencial, de convívio com o outro: “o indivíduo, se se compreende como tal, é essencialmente social. É-o, não na seqüência de contingências exteriores, mas na seqüência de uma necessidade íntima. É-o geneticamente” (WALLON, 1975, p. 156). Dizer que somos “geneticamente sociais” é afirmar que são relações dialéticas estabelecidas entre o indivíduo, os outros e os contextos sócio-históricos que formam a humanidade de todos nós.

### *A criança e seu desenvolvimento*

Wallon não estuda a criança como um ser fragmentado, mas como um ser completo e constituinte do meio sócio-cultural em que vive.

Ressalta Wallon, que o ser humano é organismo antes de ser psiquismo, por isso “a maturação orgânica é indispensável para a evolução funcional. Ela deposita nesta, a cada vez, possibilidades que se acrescentam ao material anterior e que não podem ser extraídas dele como um simples efeito de seus mecanismos intrínsecos” (WALLON, 2008, p. 119).

Wallon considera a “evolução dialética da personalidade” como uma construção progressiva, onde se realiza a integração das duas principais funções: a afetividade – relacionada ao meio social, as relações “eu-outro”, e a inteligência – relacionada ao conhecimento do mundo físico, à adaptação ao objeto.

A emoção, o ato motor, e a inteligência são, para o estudioso, **campos funcionais** que no início da vida da criança são indiferenciados e imaturos. A diferenciação de processos internos à cada campo e dos campos entre si é resultado de processos vinculados às relações sociais e de maturação neurológica. Estes campos estão vinculados entre si, sendo que a predominância de um ou outro, em determinadas idades, caracterizam a dinâmica do desenvolvimento da criança. Wallon indicou a existência de três campos funcionais: a emoção (afetividade), a psicomotricidade (movimento) e a inteligência. A integração destes 3 campos funcionais, no processo contraditório do desenvolvimento, dá origem pessoa “completa” (DANTAS, 1990, p. 21).

Esta dialética entre continuidade e descontinuidades ou rupturas é explicada por Wallon a partir de princípios gerais que, segundo o autor, orientam o desenvolvimento. São estes: Princípio de Predominância funcional: se refere ao tipo de atividade que predomina em que um dos estágios e dá a este sua configuração própria; de acordo com Galvão (1995, p.

45), “há momentos de predominância da dimensão afetiva, sucedidos por outros, predominantemente cognitivos”. Princípio da alternância funcional: conforme Galvão (1995, p. 45), na “sucessão de estágios há uma alternância entre as formas de atividade que preponderam [...], “invertendo a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas”. Ou seja, há momentos predominantemente cognitivos (conhecimento de mundo) e outros afetivos (conhecimento de si). Princípio da Integração Funcional: é este princípio que sustenta a construção dos dois anteriores. Wallon, baseados nos estudos sobre os processos de maturação do sistema nervoso central, parte do pressuposto de que as funções já desenvolvidas não suprimidas, mas são integradas pelas funções mais novas. Conforme Galvão (1995, p. 45):

As funções elementares vão perdendo a autonomia conforme são integrados pelas mais aptas para adequar as reações às necessidades da situação. No caso das funções psíquicas, o processo é semelhante ao das funções nervosas: as novas possibilidades que surgem num dado estágio não suprimem as capacidades anteriores. Dá-se uma integração das condutas mais antigas pelas mais recentes, em que estas últimas passam a exercer o controle sobre as primeiras.

Enquanto não se consolida essa integração entre as funções, elas ficam sujeitas a aparições intermitentes, que é bastante comum. Este é um processo que se dá pela maturação do sistema nervoso, sendo que as funções mais evoluídas não suprimem as arcaicas, mas exercem o controle.

Sustentado nessa concepção dialética de desenvolvimento, Wallon destaca ainda que o desenvolvimento de cada pessoa apresenta ritmos próprios, por isso os parâmetros propostos de duração de cada estágio e as idades que lhes correspondem são sempre “relativos e variáveis em dependência de características individuais e das condições de existência” (GALVÃO, 1995, p. 40).

Se o desenvolvimento humano é marcado pela presença de estágios que caracterizam cada uma das idades ou períodos de desenvolvimento, por outro lado, alerta-nos Wallon, estes estágios sucedem-se não de forma linear, mas de modo dialético, marcado por um jogo de alternâncias.

### **Características do pensamento da criança pré escolar**

Neste tópico o enfoque será a apresentação das características do pensamento infantil, na idade pré-escolar. Considero que compreender o chamando pensamento pré-lógico da criança é importante para os profissionais de educação infantil, na medida em isto pode ser

uma importante “ferramenta” para entender os comportamentos e o raciocínio infantil. Isso pode possibilitar ao docente desenvolver uma prática pedagógica que promova o desenvolvimento da criança.

### ***Pensamento Sincrético***

Para Wallon, o sincretismo é a principal característica do pensamento infantil: percepções e pensamentos se apresentam de modo confuso e global. A criança, em seu pensamento, mistura aspectos fundamentais, percebendo a realidade de forma indiferenciada. Essa insuficiência de continuidade, confusões e falta de coordenação está relacionada com uma falta de domínio sobre os instrumentos do pensamento.

Na criança ocorre uma espécie de descontinuidade entre imagens pertencentes a uma mesma realidade: tudo pode estar ligado a tudo. A ordem dos pensamentos não ocorre de acordo com os acontecimentos, ela os organiza mentalmente, seguindo uma ordem abstrata que se sobrepõe a ordem cronológica dos fatos. Para Wallon (2007, p. 162),

a percepção das coisas ou das situações continua sendo global, seus detalhes continuam indistintos. No entanto, muitas vezes temos a impressão de que a criança se volta para os detalhes das coisas. Chega a detectar aspectos tão particulares, tão ínfimos ou tão fortuitos que nos tinham escapado. No entanto, não é como detalhe de um todo que ela os apreende e é até por isso que é sensível a eles.

Esta fragilidade na capacidade de diferenciação leva a criança a cometer também confusões entre temas ou situações próximas. A atividade mental que incide sobre um determinado conceito num dado momento é prejudicada pelo fato de que ele não está bem diferenciado de outros próximos.

### ***A principal característica do pensamento sincrético: o binarismo.***

O pensamento binário, ou em pares, é a primeira forma de organização intelectual, e luta contra a desorganização mental desse estágio. A criança não consegue focar em uma informação por vez, pois um conjunto de elementos é conjugado a outro, e a criança não consegue delimitar as características de cada um. Como discorre Wallon:

O pensamento existe apenas pelas estruturas que introduz nas coisas. Inicialmente há estruturas muito elementares. O que é possível constatar, desde o início, é a existência de elementos que estão sempre aos pares. O elemento do pensamento é essa estrutura binária, não são os elementos que o constituem (1989, p. 30).

Estes pares podem se formar de várias maneiras, como pela proximidade sonora, quando palavras rimam (duro-muro), quando uma palavra puxa a outra (trovão-rojão), por aproximações com experiências da criança (negro-noite) entre outras maneiras. O pensamento em par se caracteriza pela união de certas situações e objetos que se confundem sentimentos e realidade. O par é tratado por Wallon como a molécula do pensamento, o elemento inicial.

Abaixo um exemplo extraído do livro “As origens do pensamento da criança”:

O que é a noite? – É a lua. – Quando não tem lua, não tem noite? – A lua vem primeiro e depois o sol. – Quando não tem lua, não tem noite? – Tem. – É a mesma coisa, lua a noite? – Não, a lua é mais clara. – O que que é a lua? – É para clarear a gente. – O que é – Não sei” (WALLON, 1989, p. 39)

Como pode ser observado no exemplo acima, a criança apresenta dois pares: noite-lua, lua-sol. A criança faz afirmações opostas ao longo de sequencias curtas de pensamento, como se ao fazer a segunda afirmação, esquecesse a primeira. O primeiro par – noite/lua – se apresenta sob forma de identidade, como se fossem a mesma coisa, um em dependência do outro.

### ***A Fabulação***

Outra característica do pensamento infantil neste estágio é a fabulação. Conforme Dantas (1990, p. 59),

A fabulação, outro fenômeno frequente no pensamento infantil, tem um mecanismo semelhante ao da simples digressão: ela contém, entretanto, uma intenção e cria a necessidade de saber em que medida a criança crê, ou acredita fazer crer, em suas invenções. Ela apreze percorrer todos os graus entre a auto-sugestão e a mistificação, atitudes, aliás, estreitamente solidárias. A mistificação permite ceder à atração do insólito e do misterioso, deixando ao interlocutor o eventual ridículo da credulidade.

Para a criança, o prazer de imaginar é o motivo principal para usar da fabulação. As respostas são lúdicas, fazendo parte das suas atividades espontâneas. Para a criança, essas invenções preenchem lacunas, e parecem ter resolvido todos os questionamentos. Temos aqui um exemplo de fabulação, durante uma das entrevistas de Wallon com uma criança:

“Quando é que a gente vê a lua? – Quando é noite. – Porque a gente não a vê quando é de dia? – Porque tem sol. – Como é que fica de noite? – É Deus que faz a noite chegar. – Como é que ele faz isso? – Não sei. – Como é que fica de dia? – É o sol que faz o dia chegar. – Onde fica o sol durante a noite? – Ele dorme. – Quando ele dorme, pode ficar de dia? – Não. – Como é que ele faz pra dormir? – Ele se deita.” (1989, p. 107).

Nesse caso, a fonte dessas respostas é a experiência cotidiana da criança. A sincronia entre luar e noite, dia e sol; a tradição providencialista de Deus; interpretações literais de falas e dizeres correntes da época.

### ***Tautologia***

Já as tentativas de buscar coerência em suas explicações resultam em tautologias, outra característica do pensamento da criança na idade pré escolar. Elas tendem a definir o conceito de determinado termo pela repetição do mesmo. A tautologia pode se manifestar pela repetição exata, ou a explicação circular, como “O que quer dizer dormir?” – “A gente dorme”; pode se manifestar também pela repetição exata da mesma palavra ou aproximação de dois termos complementares como no exemplo: “Faz frio porque faz gelo” (WALLON, 1989).

A apresentação separadamente destas características do pensamento infantil pé-categorial atendem a uma necessidade didática de exposição. De fato, elas coexistem, podendo também ocorrer predomínios de uma ou outra característica dependendo da necessidade de buscar coerência pela criança. Para ilustrar essa coexistência transcrevemos um diálogo apresentado por Wallon, citado por Izabel Galvão (1995, p. 82): Você sabe o que é telepatia? – É um bicho que, vem a telepatia pro cérebro dele, ele solta a telepatia pros outros, mas ele não falam, ele pensam no cérebro. – Então telepatia é um bicho? – É”.

A criança do diálogo define telepatia por meio da tautologia (telepatia é um bicho que tem telepatia), e sua explicação vem da fabulação: por desconhecer o real significado da palavra, ela inventa uma explicação fora da realidade.

### ***Da relação entre pensamento, linguagem e cultura***

Segundo Dantas (1990), antes da linguagem assumir a função de substituto do ausente, ela acompanha as impressões perceptivas, em lugar de substituí-las. Mesmo quando esta já assumiu a função de pura representação mental, as palavras infantis conservam lacunas.

Linguagem e cultura são indispensáveis para as transformações do pensamento humano e, especificamente, para o da criança e sua atividade, de um modo geral. É a partir dos dois anos a criança começa a reconhecer pessoas ou objetos em imagens. Segundo Wallon, este ato, muito precoce nas crianças, é chamado de “aptidão perceptiva: o reconhecimento é tão direto como o seria diante da própria realidade” (Wallon, 2008, p. 151).

## **Contribuições de Wallon para a educação e para a educação infantil**

O objetivo deste capítulo é discutir as contribuições do autor para a educação e, mais especificamente para a Educação Infantil. Esta pesquisa se junta a tantas outras que procuram refletir sobre a prática pedagógica na Educação Infantil, apresentando a perspectiva psicológica do desenvolvimento tal como foi elaborada por Wallon.

Wallon não formulou sua teoria psicológica com o intuito de que esta fosse transformada em um “método educativo”, em que Pedagogia ficasse subordinada a Psicologia. Como já dito anteriormente, as duas instâncias de conhecimento caminham juntas, de forma igualitária.

### ***Contribuições da teoria walloniana para a educação.***

Como já tratado nos outros capítulos, Wallon estudou o desenvolvimento da criança destacando o caráter social deste, o que o levou a discutir também os processos e ambientes sociais nos quais vivem as crianças, em particular a educação e a escola. De acordo com Galvão (1993, p. 37), a importância de seus estudos sobre os contextos educativos escolares, deve-se a compreensão do autor de que

Como meio funcional, o ambiente escolar tem características próprias; aglutina pessoas em torno de um objetivo comum a instrução – e comporta grupos com tendências variadas. Neste sentido difere da família, onde os papéis de cada membro são impostos pelo nascimento, oferecendo um parâmetro único para as relações sociais da criança. Para se perceber como ser autônomo, distinto do grupo familiar, a criança precisa de interações diferenciadas, em que possa, em função de preferências e afinidades, escolher os companheiros e as situações.

Outro ponto importante para reconhecer a importância de Wallon para a prática pedagógica na Educação Infantil é sua compreensão da criança como um ser completo, opondo-se a concepções que a tomam como ser fragmentado. Os três campos funcionais – o motor, o afetivo e cognitivo são tratados pelo autor de forma indissociável, uma vez que o desenvolvimento de um necessariamente causa impactos qualitativos nos demais.

Como já abordamos anteriormente, o processo de desenvolvimento da criança decorre de seus esforços para superar conflitos e crises decorrentes, tanto de sua origem em diferentes fontes de conhecimento, como de suas condições pessoais e sociais. Nesse sentido, o papel do professor passa ser fundamental, repercutindo também na formação que este deve receber. Segundo Mahoney (2004, p. 10)

Ao incorporar esses conhecimentos à formação de professor, o autor sugere ao professor posturas mais abrangentes por incluir em suas decisões não só considerações relativas ao cognitivo, mas também seu impacto sobre o motor e o afetivo.

Espera-se assim que professor observe atentamente as crianças de modo a identificar quando e de que forma esses conflitos se manifestam, ajudando as crianças a superarem os mesmo. Tanto no caso da Educação Infantil, como na escola fundamental é importante se destacar que a escola não se limita à instrução, ou seja, à transmissão de conhecimento por um adulto. A criança deve também aprender a pensar criticamente. Portanto, o professor não se torna apenas o mediador entre a cultura e o aluno, mas representante da cultura de determinada sociedade. Para Wallon, o acesso à cultura é função primordial – mas não a única – da educação formal, e é tarefa do professor selecionar entre os saberes disponíveis em cada momento, em cada sociedade, e tornar – ou não – esses saberes transmissíveis. Mesma observação acima.

A educação das crianças pequenas necessita tomar como referência, como bem disse Wallon, os processos de desenvolvimento infantil, referência básica que deve orientar as atividades pedagógicas propostas pelos professores e as necessidades e interesses das crianças. As relações entre os campos funcionais, e as filiações genéticas entre emoção e a razão e motricidade como bem foi demonstrado por Wallon, evidenciam, cada vez mais, a necessidade de se compreender bem estes processos, particularmente com o que é proposto, em termos de currículo para a educação das crianças pequenas.

Uma das mais significativas contribuições de Wallon para a Pedagogia e para a educação foi mostrar as relações entre o desenvolvimento cognitivo e a afetividade, ou seja, evidenciar que as primeiras formas expressivas do bebê que são de caráter emocional se constituem como base para a cognição. Logo, ao contrário do modo predominante na educação, a dimensão afetiva faz parte dos processos de aprendizagem. Esta relação é assim explicada por Galvão (1996, p. 38):

Definindo o homem como ser geneticamente social, a concepção walloniana do desenvolvimento humano propõe a existência de uma complexa imbricação entre os fatores biológicos e sociais. Conforme as disponibilidades de amadurecimento da idade, a criança interage de maneira mais forte com um outro aspecto de seu ambiente, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento e aplicando sobre ele suas condutas; a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente, numa dinâmica de determinação recíprocas.

Concluindo esta breve seção introdutória, destacamos o quão foram importantes as contribuições de Wallon para a Educação. Ainda que em sua obra encontremos diretrizes

acabadas para a prática pedagógica, ao ler seus livros e escritos fica clara a importância dada a escolarização e aos processos ricos que a escola pode fornecer a criança para seu desenvolvimento.

### ***Relações pedagógicas na Educação Infantil: crianças têm muito a dizer***

Em seu livro “A evolução psicológica da criança”, Wallon (2007, p. 9) ressalta que “a criança não sabe senão viver sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas o que é que vai prevalecer nesse conhecimento: o ponto de vista do adulto ou o da criança?” Sabemos o quanto é frequente, professores tenderem a julgar as manifestações infantis baseados nas experiências e na ótica esperada dos comportamentos adultos. Esse equívoco pode levar os professores e os adultos, de um modo geral, a interpretações redutoras da expressividade infantil.

Cabe ao adulto incentivar a autonomia das crianças, propondo situações que as deixem ainda mais curiosas e com muito mais vontade de expressar suas ideias e produções. Gasparin (2013, p. 202) afirma que:

O pensamento também vai, gradativamente, construindo-se. O conjunto funcional cognitivo oferece um conjunto de funções para lidar com o meio e resolver as situações da realidade. É responsável pela aquisição, transformação e manutenção do conhecimento por meio das representações, noções, ideias, memória, criatividade, imagens, imaginação; enfim, pelas funções psicológicas superiores que levam o indivíduo a interagir com o seu meio de forma eficiente.

O professor deve ter conhecimento de que nessa fase da vida, a criança busca referenciais e imita a conduta de adultos que convivem com ela, buscando mediações para a construção de sua personalidade. Se este adulto tiver ciência disso, ele tenderá a cuidar dos exemplos que transmite a seus alunos, bem como os modos de agir cotidianamente. Segundo Gasparin (2012, p. 58):

Se o professor é sabedor de que no estágio do personalismo, além da imitação, a criança se opõe ao adulto para afirmar seu eu, também terá mais recursos para lidar com os argumentos ou o acolhimento das opiniões infantis. Tomará ainda consciência que a criança tem um raciocínio próprio e diferente do adulto, e que muitas vezes sua lógica está adequada para sua possibilidade do momento.

O direito de estar na escola e ser ouvido pelo professor deve ser respeitado, de modo que a criança possa se constituir como um ser participativo, inserida em diferentes contextos socioculturais. Segundo Wallon,

a atração que a criança sente pelas pessoas que a rodeiam é uma das mais precoces e das mais poderosas. Essa atração é movida por uma das necessidades mais profundas do ser humano: estar com o outro para se humanizar. (Wallon apud Gasparin, 2012, p. 38).

Ou seja, é muito importante que o professor esteja sempre disposto a ouvir o que a criança tem a dizer, estar focado nas suas necessidades, estabelecimento vínculos afetivos e de troca. Com isto, fortalece a auto-estima dos pequenos e também se possibilita a ampliação de suas possibilidades de comunicação e interação social. Almeida (2014, p. 26), ressaltando a importância das relações entre afetividade e cognição, adultos e crianças, afirma que

o conjunto afetividade oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão. Afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis.

### ***Conflitos nas relações pedagógicas***

Wallon em toda sua teoria afirma que o desenvolvimento humano se dá por contradições e conflitos, e cada etapa traz profundas mudanças na criança e nas suas formas de agir e de se relacionar com os outros e com o mundo. A passagem de um estágio pra outro não é somente ampliação, mas também reestruturações do anterior, de modo que funções deste não desaparecem totalmente, mas permanecem de forma subordinada as funções do novo estágio. Assim, se surgem novas possibilidades de relação com o outro e com o meio, novas condutas, vale lembrar que este processo é descontínuo, marcado por rupturas e retrocessos. Segundo Galvão (2004, p. 21):

Apoiado numa epistemologia materialista dialética, esse autor sustenta que a compreensão dos fenômenos psíquicos deve aceitar oposições encontradas do real, na atividade do sujeito e nas relações entre o sujeito e o real, tentando compreendê-lo os componentes e o dinamismo.

Ainda segundo a autora, com frequência instala-se, nos momentos de passagem, uma crise que pode desorganizar momentaneamente o comportamento, gerando conflitos na relação do indivíduo com o outro ou consigo mesmo:

A atitude de oposição sistemática ao adultos que caracteriza a conduta nessa idade é um exemplo de conflito que leva a saltos qualitativos no desenvolvimento do sujeito (Wallon, 1995 e 1986). A criança recusa-se a seguir qualquer sugestão ou ordem que venha do adulto, confrontando a isto seus desejos e pontos de vista; ao opor-se sistematicamente às proposições do outro é como se ela estivesse retirando do eu o não-eu, num exercício fundamental para a diferenciação de um eu até então sincrético, fundido no outro (GALVÃO, 1996, p. 39).

A criança nessa faixa etária precisa do convívio social com adultos e outras crianças para experimentar relações diferentes daquelas familiares, aprendendo a lidar com sentimentos relacionados, por exemplo, com a aceitação e pertencimento de grupo, competição e frustração, para citar alguns. Segundo Gasparin (2012):

As relações entre pares são imprescindíveis para o desenvolvimento cognitivo do sujeito. A linguagem se desenvolve na prática da oralidade entre as crianças da mesma idade, pois há argumentação e contra argumentação de suas ideias. (p. 54)

Ao compreender a criança, seguindo seu desenvolvimento mental, o professor estará deixando de ser somente o transmissor de conhecimentos, e passará a ajudar a criança nas questões sociais durante as crises e conflitos. Como citado, as atividades mentais da criança são específicas e diferentes dos adultos, e ao entender essas especificidades, o professor pode auxiliar a criança de modo mais desejável. A escola e mesmo a educação infantil tendem a enfatizar atividades e proposições centradas no desenvolvimento intelectual das crianças.

Conviver com o outro é fundamental, sendo essa a base para o desenvolvimento da personalidade e diferenciação do sujeito, formando assim a identidade. Segundo Wallon, as crianças entre 3 e 6 anos, a afetividade e as emoções predominam e a criança tem grande necessidade de reconhecer a sua existência, afirmando-se como EU, diferenciado do outro. Este processo – diferenciação – é a base de nossa personalidade e, passando da forma um pouco rudimentar no início da vida, para gradativamente ir se tornando mais complexa. Essa diferenciação faz parte do desenvolvimento do indivíduo e da constituição do seu eu.

Wallon dá destaque para essa relação de reciprocidade, pois segundo ele, uma dá base para a outra, seguindo assim o desenvolvimento. Muitas vezes, na educação escolar, o enfoque é dado ao cognitivo, ao acúmulo de informações, em detrimento da afetividade. As relações sociais e o vínculo formado entre professor-aluno podem fazer com que o processo ensino-aprendizagem se torne mais prazeroso para a criança, pois o docente estará ciente de seus conflitos internos e da necessidade de afeto da criança. Dito isto, a atemporalidade a teoria walloniana fica nítida, e o autor se torna uma base sólida de estudos da psicologia da criança.

### **Considerações Finais**

Apesar de ser uma teoria pouco divulgada nos meios educacionais, a obra de Wallon nos possibilita muitas reflexões acerca da complexidade do desenvolvimento da criança. Ao

iniciarmos esta pesquisa tínhamos em mente buscar compreender como ocorre o desenvolvimento mental da criança, e quais são as características do seu pensamento, em especial entre 3 e 6 anos.

Com certeza, a tarefa de educar demanda posturas e conhecimentos diferenciados, por parte do professor, pois ele desempenha o papel de mediador do processo educativo de aquisição da cultura pela criança, bem como tem a tarefa de ampliar as concepções de mundo e de suas relações sociais.

Seria ingenuidade supor que a teoria de Henri Wallon contém uma explicação pronta, que “ensine” o professor a como desenvolver e “potencializar” a criança, porém Wallon sugere inúmeras alternativas para que o docente possa analisar e observar, tentando compreender a criança em sua totalidade, como seus pensamentos e comportamentos.

O conhecimento sobre o processo de desenvolvimento da criança, das suas necessidades específicas em cada estágio, deve ser um dos referenciais a orientar a prática pedagógica. Isso ajuda o professor a fazer intervenções pertinentes a cada momento desse processo, de maneira consciente e responsável, em consonância com valores éticos, políticos e estéticos, tal como preconizam as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

É pela mediação estabelecida durante o processo de ensino-aprendizagem que o professor pode lançar mão dos conhecimentos sistematizados, fonte de informações e experiências que contribuem para que a criança pré escolar possa cada vez mais, aprender a diferenciar situações e experiências, na direção da superação do sincretismo inicial do seu pensamento.

Pode-se concluir, com esta pesquisa que, com o apoio da teoria walloniana é possível que se eduque e conheça crianças de forma a respeitar as características e peculiaridades das mesmas, tendo-se também como referência seus estágios de desenvolvimento. É aí que está a importância do acesso, durante os cursos de graduação, do conhecimento sobre o desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda R. de. A questão do Eu e do Outro na psicogenética walloniana. **Estudos de Psicologia**, Campinas, outubro-dezembro, 2014.

DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y., DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

- DANTAS, Heloysa. **A Infância da Razão**. São Paulo: Editora Manole, 1990.
- GALVÃO, Izabel. **Cenas do Cotidiano Escolar, conflito sim violência não**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004
- GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**.. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GALVÃO, Izabel. A questão do movimento no cotidiano de uma pré escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 37-49, agosto de 1996.
- GALVÃO, Izabel. Reflexões sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. **Revista Ideias**, v. 20, p. 33-39, 1993.
- GASPARIM, Liege. **Interações em sala de aula: vinculações afetivas e a constituição da pessoa para Henri Wallon**. 2012. Dissertação. UFPR, Curitiba.
- GASPARIM, Liege. **Investigando as interações em sala de aula: Wallon e as vinculações afetivas entre crianças de cinco anos**. UFPR, Curitiba, 2013
- MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, C. R de. (orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.
- WALLON, Henri. **Evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WALLON, Henri. **As Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Editora Manole, 1989.
- WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.